

O ofício da construção civil na cidade de João Pessoa-PB sob viés transnacional: formação e prática profissional latino-americana no contexto de produção arquitetônica eclética

El oficio de la construcción en la ciudad de João Pessoa-PB desde una perspectiva transnacional: formación y práctica profesional latinoamericana en el contexto de la producción arquitectónica eclética

E1_01 - Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas

Gabriel de Oliveira Madruga

PPGAU-UFPB / Universidade Federal da Paraíba, Brasil
gabriel.o.madruga@gmail.com

Ivan Cavalcanti Filho

PPGAU-UFPB / Universidade Federal da Paraíba, Brasil
icavalcantifilho@yahoo.com.br

Resumo: Este ensaio investiga os profissionais da construção civil em João Pessoa, Paraíba, entre 1915 e 1955, período de transformações urbanas motivadas pelo desejo de modernizar sua paisagem. A concretização desse projeto estético deu-se, sobretudo, pela presença de arquitetos, engenheiros e construtores imigrantes e/ou formados em instituições estrangeiras, favorecendo encontros heterogêneos que expandiram as referências usadas pelos profissionais nativos. Apesar de articularem o *savoir-faire* eclético que moldou a imagem urbana pós-colonial, esses personagens não integram narrativas locais. É escasso o conhecimento sobre eles, sua formação, atuação no setor construtivo e esforços para adaptar saberes importados ao contexto paraibano. Esse apagamento decorre do consenso, no fim do século XX, de que a linguagem eclética opõe-se à tradição vernacular por usar modelos europeus. Para confrontar tal lacuna historiográfica, o objetivo é rastrear e enquadrar os profissionais no cerne de processos histórico-morfológicos sob viés transnacional, ressaltando conexões entre formação e prática via fluxos socioculturais, políticos e mercantis brasileiros em diálogo com a América Latina. Avalia-se o legado das influências estrangeiras na identidade arquitetônica local ao confrontar a pedagogia institucionalizada com a prática construída,

aferindo como a autonomia intelectual porta-se frente aos modelos globais. No tocante à metodologia, a pesquisa bibliográfica-documental em acervos históricos rastreia esses personagens e seus dados. A análise do seu perfil e ensino prova que estão em redes urbanas conectadas, mostrando que o caso paraibano se desenvolve paralelo a correntes arquitetônicas em circulação transfronteiriça. Mesmo que valores estrangeiros se afirmem, os profissionais os interpretam como campo de experimentação e criação híbrida, adicionando significações próprias a elementos alheios para satisfazer demandas técnicas e estéticas nacionais.

Palavras-chave: América Latina; ecletismo na arquitetura; redes urbanas; patrimônio histórico; produção do espaço urbano.

Resumen: *Este ensayo investiga a los profesionales de la construcción que actuaron en João Pessoa, Paraíba, entre 1915 y 1955, cuando hubo transformaciones urbanas por la necesidad de modernizar su paisaje. La concreción de este proyecto estético se debió a la presencia de arquitectos, ingenieros y constructores inmigrantes o formados en instituciones extranjeras. Esto propició encuentros diversos que expandieron las referencias usadas por los profesionales locales. Aunque articularon el savoir-faire ecléctico que moldeó la imagen urbana poscolonial, estos actores están ausentes de las narrativas arquitectónicas locales. El conocimiento sobre ellos, su formación, su labor constructiva y sus esfuerzos por adaptar saberes importados es escaso. Este olvido proviene del consenso, de finales del siglo XX, de que el lenguaje ecléctico se oponía a la tradición constructiva vernácula por usar modelos de origen europeo. Para confrontar este vacío historiográfico, se busca rastrear y ubicar a estos profesionales en los procesos histórico-morfológicos desde una óptica transnacional, resaltando los nexos entre formación y práctica mediante flujos socioculturales, políticos y mercantiles brasileños en diálogo con América Latina. Se evalúa el legado de influencias extranjeras en la identidad arquitectónica local al confrontar la pedagogía institucionalizada con la práctica construida, identificando cómo se comporta la autonomía intelectual a la luz de modelos globales. Mediante investigación bibliográfica y documental en archivos, el análisis de sus trayectorias y formación prueba su integración en redes urbanas conectadas, demostrando que el caso local se desarrolló paralelamente a corrientes arquitectónicas de circulación transfronteriza.*

Palabras-clave: América Latina; eclecticismo en la arquitectura; redes urbanas; patrimonio histórico; producción del espacio urbano.

Introdução

O espaço urbano, por ser socialmente produzido, configura-se pelas relações de propriedade, forças produtivas e dinâmicas socioculturais vigentes (Lefebvre, 1974). Para decodificar sua materialidade, deve-se confrontá-lo com processos mediados por agentes sociais cujos interesses e repertórios são heterogêneos (Darin, 2009; Capel, 2013). Visto que compreender a arquitetura exige mais do que descrever a forma edilícia, implicando analisar os sujeitos que conduzem sua produção, este ensaio versa sobre os profissionais da construção civil na cidade de João Pessoa¹, capital da Paraíba, de 1915 a 1955, quando a arquitetura eclética é expressão adotada em toda a América Latina (Gutiérrez, 1983)².

Uma vez que a paisagem urbana articula-se mediante um equilíbrio instável entre meios, interesses, representações e ideias de grupos sociais que não compartilham a mesma linguagem construtiva (Darin, 2009), Capel (2013) defende que estudos sobre a cidade devem decodificar a trajetória dos ‘agentes sociais’ produtores do espaço urbano, personagens “dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade” (Corrêa, 2011, p. 43). Na capital paraibana, às imediações finiseculares, tais agentes incluem a antiga aristocracia rural recém-chegada do interior e enriquecida pelo ouro branco (Galliza, 1990), que subsidia construções monumentais para afirmar-se socialmente, ao lado do poder público municipal e estadual, que encomenda obras e impulsiona reformas urbanas, e de empreiteiros e comerciantes locais, que atuam como promotores imobiliários. Para além desses personagens, Capel (2013) sinaliza os amiúde excluídos na história escrita, vitais para constituir a morfologia urbana ao operarem com técnicas e primores estéticos próprios, como arquitetos, engenheiros e construtores. Apesar disso, não são considerados agentes sociais, mas sim subordinados diretos, uma vez que submetem-se aos dirigentes do solo urbano e capital imobiliário – articulação heterogênea que evidencia a complexidade das cidades (Duby, 1981).

Este ensaio tem como objeto os profissionais da construção civil no cerne da produção de ecletismo em João Pessoa, muitos de origem ou formação estrangeira. O recorte temporal vai de 1915 a 1955, compreendendo da chegada do italiano Paschoal Fiorillo – que inaugura uma fase de reformas modernizantes impelidas pelo poder público – à consolidação de uma classe alinhada ao Modernismo (Pereira, 2008). Reconhecendo a variedade de encargos construtivos rastreados, são enfocadas as atividades afins à materialização do ecletismo na paisagem urbana³. O trabalho prioriza aqueles atuantes na concepção e execução formal, incluindo arquitetos, engenheiros, construtores, mestres de obras e ornamentistas, essenciais para a estética das fachadas. Para contextualizar a produção do espaço, são incluídos agentes de suporte e fomento, como empreiteiros, comerciantes de materiais de construção e diretores de obras públicas, responsáveis por encomendar, financiar, regular ou dar suporte material à obra.

¹ O termo "João Pessoa" só designa a capital do estado da Paraíba a partir de 1930, quando falece o político homônimo, substituindo o topônimo "Cidade da Parahyba". Adota-se a nomenclatura atual para fins de padronização.

² Este ensaio integra pesquisa de mestrado financiada pelo CNPq, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, em João Pessoa, PB. Desdobra investigações iniciadas em trabalho de conclusão de curso realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

³ Optou-se por não incluir engenheiros agrimensores, industriais, sanitaristas, topógrafos, peritos, ferroviários, entre outros, além dos ofícios artesanais mais específicos, como pintores, escultores, marceneiros, ferreiros e desenhistas.

Para decodificar tal ofício, deve-se articular a arquitetura com condicionantes socioculturais em circulação transnacional, interpretando o espaço social perante interpenetrações de processos históricos que dispensam fronteiras rígidas e circunscrevem os profissionais locais, cujas trajetórias permeiam tais relações hemisféricas (Lefebvre, 1974). O ensaio busca romper as muralhas invisíveis e enxergar a cidade sob um macrocontexto em que ofício, formação e exigências profissionais refletem fluxos socioculturais, políticos e mercantis entre Europa, América Latina e Brasil (Silva, 2017).

A circulação profissional na América Latina ao *fin de siècle* é basilar para consolidar o ecletismo (Gutiérrez, 1983). Tal arquitetura advém de uma classe trabalhadora que insiste em se inspirar em modelos europeus e acessar formação de qualidade. Apesar da relevância desses profissionais para conformar paisagens urbanas locais, ainda é escasso o esforço em mapear suas trajetórias, formação e atuação, sobretudo em cidades periféricas ao circuito central da produção continental. No Brasil, tal lacuna se estabelece nos anos 1920, quando emerge um movimento artístico em favor de autenticidade nacional. Propostas como as de Ricardo Severo ora miram a cultura popular local, ora recorrem à herança lusa ou hispânica como ponto de partida para uma arquitetura enraizada (Mello, 2007). Tal perspectiva qualifica o eclético como decalque europeu, ignorando como o aparato técnico e estético foi reapropriado. Em consequência, são esquecidos os nomes envolvidos, incluindo imigrantes e profissionais com formação estrangeira que efetivam a transição dos modelos coloniais à modernidade internacionalizada (Blond, 2001).

Em João Pessoa, apesar do valor patrimonial do ecletismo, as poucas investigações a discutem sob anonimato. Pouco se sabe sobre os profissionais associados e como atuaram no setor construtivo local. Conforme Mariz (1933), ao descrever a fisionomia da cidade nos anos 1930, é a eles que se atribui parte dessa mudança, o que reforça a necessidade de examinar suas trajetórias. Investigá-los implica também questionar o apagamento sistemático desses saberes e técnicas, resultante do enquadramento do ecletismo latino-americano no debate historiográfico como mera expressão de subordinação cultural, tratado como cópia de modelos alóctones em oposição direta à legitimidade das tradições construtivas (Hitchcock, 1955). Essa visão invisibiliza esses personagens na narrativa arquitetônica, ignorando a complexidade da agência profissional e a fluidez das redes em um contexto de ausência de formação institucional local.

Este ensaio objetiva reverter essa insuficiência analítica, enquadrando os profissionais da construção civil no contexto de recepção, manifestação, difusão e eventual superação do ecletismo em João Pessoa, articulando formação e prática profissional sob viés transnacional para decodificar a prática híbrida no cerne de conexões Sul Global. Além disso, intenta caracterizar os profissionais; analisar os condicionantes históricos associados à atração e à prática desses nomes; avaliar o ecletismo enquanto imagem de modernidade na América Latina e sua relação com correntes arquitetônicas e fluxos socioculturais globais, e debater o caráter interpretativo da prática local. O estudo visa, assim, responder: como analisar o ecletismo sob viés transnacional permite superar as lógicas binárias (autoctonia *versus* aloctonia) e reposicionar João Pessoa no debate mais amplo da história urbana ibero-americana?

Foi feita uma revisão bibliográfica sobre a temática, cruzando estudos sobre o ecletismo na América Latina e em João Pessoa. Também consultou-se acervos públicos e privados para rastrear os profissionais, bem como seus dados biográficos (nome, encargo, ano de nascimento e óbito, local de origem e instituição de formação). Priorizou-se periódicos e relatórios oficiais em circulação no período estudado, vários deles disponíveis do Instituto Histórico e Geográfico

Paraibano, da Coleção Maurílio de Almeida e do Instituto de Arquitetos do Brasil na Paraíba e na *Hemeroteca Digital Brasileira* da Fundação Biblioteca Nacional, e registros civis e eclesiásticos – acessados virtualmente em acervos genealógicos, como o *FamilySearch*.

Desenvolvimento

América Latina finissecular: modernização urbana e demanda por um novo savoir-faire

Em fins do século XIX, o ideário modernizante ensejado pelas elites latino-americanas introduz uma nova arquitetura no continente, gradualmente substituindo o Neoclassicismo por uma expressão historicista e romântica (Gutiérrez, 1983). O ‘ecletismo’, pautado na liberdade compositiva e hibridização estilística, satisfaz uma agenda estética e funcional ao suprir demandas de higiene, circulação e monumentalidade inspirados nas reformas urbanas haussmanianas.

Este processo é referência no hemisfério Sul, especialmente em capitais latino-americanas como Buenos Aires e Rio de Janeiro, que assistem, de 1880 a 1930, à condução de um projeto político-econômico pelas oligarquias locais em razão da imigração em massa, expansão do comércio e incipiente industrialização (Gutiérrez, 1983). Tais elites, recém-enriquecidas, buscam delinear a paisagem do Novo Mundo à luz de valores estéticos faustosos, patrocinando uma arquitetura nova (Romero, 2001). Nesse contexto, o ecletismo torna-se instrumento de fabricação da modernidade, assumindo um papel distinto daquele na Europa, onde frequentemente rememora o passado. Na América Latina, não resgata tradições – uma vez que muitos dos estilos transpostos sequer nele existiram –, mas inscreve as cidades na geopolítica ocidental, projetando um progresso afinado ao ideário republicano em voga (Gennari, 2014).

Conforme Blond (2011), é à ‘era do ecletismo’ que se deve uma expansão planejada no aparato público edificado no continente, mas a efetivação desse projeto modernizante nas cidades latino-americanas, especialmente nas de menor porte, esbarra em primeira mão na escassez de mão de obra especializada. Na virada do século XIX para o XX, o arquiteto ainda é, em muitos contextos, uma figura autodidata – engenheiros, construtores ou mestres de obras que adquirem seus saberes pela prática no canteiro, pela tradição familiar ou pela convivência com profissionais consagrados (Fabris, 1993). Trata-se de um ofício sustentado mais na empiria do que na formalidade acadêmica, o que exige a renovação dessa classe profissional. Nesse contexto, as notícias sobre o crescimento urbano e econômico da América Latina chegam à Europa e despertam o interesse de arquitetos formados em escolas de prestígio e seduzidos pelas promessas do setor construtivo lacunoso, cruzando o Atlântico “em busca de trabalho farto, fama e fortuna” (Macambira, 1995, p. 61)⁴. Ao se estabelecerem no continente, gradativamente conquistam espaço e agregam-se aos locais autodidatas, que logo absorvem o repertório técnico-artístico importado.

Há ainda o anseio de latino-americanos pela intelectualização europeia. A sofisticação acadêmica torna-se, além de uma resposta à carência técnica local, distinção de classe (Theodoro, 1996). Os detentores do *savoir-faire*, alinhados às referências modernas, são julgados capazes de legitimar a posição social da elite, sendo via de regra privilegiados no setor construtivo. Com cada cidade buscando ser cosmopolita, diz Gutiérrez (1983), integrando formas e imagens deste mundo abstrato europeu, tais nomes devem importar:

⁴ É o caso de nomes como os italianos Vittorio Meano e Mario Palanti, o norueguês Alejandro Christophersen e os franceses Édouard Le Monnier, Alfred Massüe e Jules Charles Thays, todos atuantes na Argentina; Camille Gardelle e Joseph Carré, também franceses, no Uruguai; além de Emilio Doyère, Henri Grossin e Eugène Joannon, no Chile.

[...] através dos grandes mestres, as novidades ecléticas do mundo moderno, [...] rompendo com a tradição arquitetônica de sua sociedade que, por quase 300 anos, depurou soluções ibéricas, adaptando as às condições dos trópicos, aos programas de necessidades peculiares e, antes de tudo, aos materiais disponíveis no meio ambiente. (Lemos, 1993, p. 8-9).

No Brasil, os imigrantes ocupam a lacuna deixada pela mão de obra escravizada (Macambira, 1995), incorporando-se rapidamente às frentes de trabalho urbano, sobretudo no Sul e Sudeste⁵. Muitos são especializados em técnicas de decoração e acabamento, o que os torna peças-chave na introdução de métodos construtivos e modelos estéticos. Ao familiarizar os profissionais locais com modos distintos de projetar, amparam uma nova sensibilidade urbana. Esse processo catalisa a euforia do ecletismo e a crescente exigência por edificações capazes de conferir, pouco a pouco, aspecto moderno à antiga paisagem colonial (Segre, 1991).

Fluxos e redes em João Pessoa: formação e prática profissional transfronteiriça

Se nas principais capitais latino-americanas a modernização urbana se deu por reformas ambiciosas e planos estruturantes, em cidades menores o impulso modernizante adquire outras feições, mas não menos significativas. A escala mais modesta não impede que o desejo de superação do passado colonial se manifeste de forma veemente, sobretudo nos discursos públicos e na imprensa. Nesse sentido, quando visita João Pessoa em 1929, Mário de Andrade resalta o enigma de sua beleza, não distinguindo "se é bonita" ou "feia" (Andrade, 2015, p. 351). Segundo o poeta, "isso vem muito de ser uma cidade velha e nova", "desmantelada com tudo de mistura", "perspectivas excelentes inda não aproveitadas". É a esse descontentamento frente à sua paisagem urbana que se traçam as origens do ecletismo em João Pessoa. Expande-se a percepção generalizada na cidade, sobretudo após o Brasil instaurar o regime republicano, em 1889, de que a arquitetura deve exprimir modernidade, alinhando-se aos requisitos construtivos que paralelamente orientam outras reformas urbanas pelo Brasil (Oliveira, 1905).

Frente a esta insatisfação, o Estado é central na promoção e regulação da arquitetura (Araújo, 2008). Se antes o "alinhamento e abertura planejada de praças, avenidas e viadutos, construção de casas dentro do figurino prefetural" é "cousa prá doidos futuristas a que ninguém dava ouvidos" (Cavalcanti, 1972, p. 40), agora urge reverter os séculos de arquitetura espontaneamente sobreposta no espaço da cidade com pouco ou nenhum asseio, disciplina e rigor estético. Esse desejo de atualizar a paisagem colonial só é mobilizado às primeiras décadas do século XX. Um sopro inicial é dado na gestão do interventor João Machado (1908-1912), que encarrega a abertura de um *boulevard* à parisiense: a Avenida João Machado (1908).

O ciclo de transformações intensifica-se nas gestões dos interventores Camillo de Hollanda (1916–1920) e Sólon de Lucena (1920–1924). O processo é impulsionado por uma nova burguesia, vinda do interior e recém-enriquecida pela pujante economia algodoeira (Galliza, 1990), assumindo protagonismo como clientela demandante de uma nova estética. Inicia-se, então, a reformulação do antigo tecido colonial, substituído por um conjunto edificado de feição eclética, em sintonia com diretrizes modernizadoras afins à experiência latino-americana. Esse "sopro renovador nas construções publicas e particulares" muito deve, segundo Mariz (1933, p.

⁵ Cita-se os alemães Johann Grünewald e Theodor Wiederspahn; os italianos José Isella, Caetano Casaretto, Guilherme Marcucci, Luiz Olivieri, Filinto Santoro, Antonio Virzi, Domiziano Rossi e Felisberto Ranzini; o sueco Carlos Ekman; o português Luiz Moraes Júnior, e o francês Gustave Varin.

61), ao “aparecimento de arquitectos de modernas escolas”, atraídos pelas promessas do setor construtivo, marcado pela carência de mão de obra qualificada e impelido pela demanda por obras públicas e privadas de envergadura. Esses nomes fundem-se à classe pregressa, dita desprovida do conhecimento técnico e sofisticação estética necessários para transformar a paisagem urbana local à luz dos parâmetros europeus. Nesse contexto, o ecletismo é central e estrutura o imaginário urbano finissecular (Madruga, 2024), inserindo-se em um fenômeno mais amplo de remodelação estética e funcional das cidades latino-americanas.

A chegada do italiano Paschoal Fiorillo, em 1915, é marco inaugural dessa febre construtiva. Foi Fiorillo quem “iniciou as construções modernas”, antecedendo a chegada de “outros arquitetos brasileiros e estrangeiros” (Vidal, 1925, p. 1), momento quando renova o Palácio do Governo, à Praça João Pessoa, ao ‘ecletizar’ suas fachadas neoclássicas (Notas e factos, 1915) (Figura 1). Presume-se que, com o feito, o engenheiro-arquiteto é seduzido pelas promessas de triunfo profissional associadas à demanda por mão de obra e se fixa na cidade em 1916, sendo reconhecido por seu pioneirismo na remodelação de sobrados antigos, onde aplica influências do ecletismo, *Art nouveau* e estilo californiano (Mello, 2011).



Figura 01: Fotografias das fachadas do Palácio da Redenção. Fonte: Gabriel Madruga, outubro de 2022.

Nesse mesmo ano, Fiorillo media a vinda de outro engenheiro-arquiteto italiano, Hermenegildo Di Lascio, formado na *Escuela de Arquitectura*, em Buenos Aires (Madruga, 2024). Na cidade, Di Lascio funda a firma de construções *Cunha & Di Lascio*, notabilizando-se como principal nome do ecletismo local. Entre suas obras mais expressivas, destacam-se Associação Comercial (1918), Orfanato Dom Ulrico (1919), grupos escolares Antônio Pessoa (1920) e Isabel Maria das Neves (1921), coreto da Praça da Independência (1922), Academia de Comércio (1923) e Loja

Maçônica Branca Dias (1927) (Figura 2). É uma das trajetórias mais longas entre seus contemporâneos, viabilizada pelo sucesso consolidado da firma, pela capacidade de Di Lascio em estabelecer contatos e angariar projetos públicos, além da boa relação com a clientela privada, para a qual projetou vários palacetes (Madruga, 2024).



Associação Comercial (1918)



Orfanato Dom Ulrico (1919)



G. E. Antônio Pessoa (1920)



G. E. Isabel Maria das Neves (1921)



Coreto da Pça. da Independência (1922)



Academia de Comércio (1923)



Loja Maçônica Branca Dias (1927)



Escola de Aprendizes Artífices (1929)

Figura 02: Panorama de edificações de destaque projetadas por Hermenegildo Di Lascio em João Pessoa. Fonte: Gabriel Madruga, outubro de 2022 a março de 2024.

Mariz (1933) ainda insere nesse time estabelecido na gestão do interventor Camillo de Hollanda (1916-1920) o gaúcho Octávio Freire, formado na *École Spéciale d'Architecture*, em Paris, e o capixaba Clodoaldo Gouveia, formado na *Escola de Belas Artes*, no Rio de Janeiro. Enquanto Freire é reconhecido por conceber edificações públicas de vulto, como a Imprensa Oficial (1918) e a Escola Normal (1919), expressões de um ecletismo monumental, Gouveia destaca-se na administração pública, liderando à década de 1930 a Diretoria de Viação e Obras Públicas⁶.

⁶ É então que Clodoaldo Gouveia introduz na arquitetura oficial um verniz modernista, materializado sobretudo em obras como a Secretaria das Finanças (1932) e o Instituto de Educação (1936) (Pereira, 2008).

Completam essa geração, entre os estrangeiros, os italianos Salvatore e Raffaele Dierna, pai e filho, e Francesco Ruffo, que traz consigo os filhos construtores, Carmello, Henrique e Humberto, nascidos em São Paulo. Há ainda os estabelecidos anteriormente, mas incluídos no recorte temporal em tela: o italiano Vincenzo Ielpo, os portugueses Antônio de Carvalho, Manuel Lopes de Mello e José Sebadelhe, e o alemão Ernst Emil Kauffman. A partir da segunda metade da década de 1920, já desacelerado o projeto modernizante, aportam na capital os italianos Giovanni Gioia, Raffaele Abenante, Eugênio Gabba, Nicola Sarubbi e Giovanni Baptista Toni; este último, apesar de nascido em São Paulo, passa a maior parte de sua vida na Itália, formando-se engenheiro na *Università di Pisa*. O greco-italiano Giácomo Palumbo, formado na *École des Beaux-Arts*, em Paris, também teve breve presença na cidade. Já Gioia e Abenante, parceiros desde o final da década de 1920 sob a firma de construções *Raffaele Abenante & Cia.*, na qual Gioia atua como responsável técnico, adquirem protagonismo no setor construtivo público, substituindo o favoritismo outrora concedido a nomes como Di Lascio (Mello, 2011) (Figura 3).



Figura 03: Cartografia de fluxos migratórios de profissionais estrangeiros rumo a João Pessoa. Fonte: dos autores, novembro de 2025.

Ainda foram rastreados brasileiros vindos de outros estados, alguns descendentes de estrangeiros, como o pernambucano Otto Kuhn e os gaúchos Innade Tupper e Léon Clerot. Entre os demais, há o fluminense Soutto Barcellos – que dissemina uma veia *Art nouveau* na capital em obras como o palacete onde morou João Pessoa, erguido em 1925 à Praça da Independência, nº 92 –, o alagoano Alcides Correia de Lima e os pernambucanos Matheus de Oliveira – formado na *Escola de Engenharia*, em Recife –, e Antonio Gama e Miguel Raposo, construtores autodidatas.

São forasteiros como os supracitados que esteiam o ramo da construção civil em João Pessoa, aspecto que advém da falta de instituição para formação profissional na cidade⁷. Tal lacuna motiva até mesmo o curso de paraibanos Brasil afora em busca da ansiada intelectualização, a citar os engenheiros Raphael de Hollanda – formado na *Faraday House*, em Londres, tendo regressado em 1917 para assumir a Diretoria de Obras Públicas (*Patriotismo eficiente*, 1917) – e Walfredo Guedes Pereira Sobrinho, formado em escola de engenharia nos Estados Unidos (*Vida social*, 1918). Há ainda o engenheiro-arquiteto Carlos Borromeu Marinho, formado à distância pela

⁷ Uma instituição do gênero surge apenas em 1974, com a criação do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFPB.

Escola Livre de Engenharia, no Rio de Janeiro (Engenharia Nacional, 1921) – modalidade que democratiza o acesso à formação, especialmente para aqueles que, por razões geográficas ou financeiras, não podiam trasladar para outro estado.

A convergência desses fluxos nacionais e transnacionais cria o emaranhado de redes que sustenta a modernização à luz do ecletismo em João Pessoa. Embora 47 dos 62 profissionais rastreados seja natural do Brasil (Figura 4), o protagonismo adquirido pelos nascidos e formados no exterior – conforme indica sua maior inclusão historiográfica – sugere que o *status* cultural afim à origem e à formação estrangeira era um diferencial na contratação pelo poder público e privado.

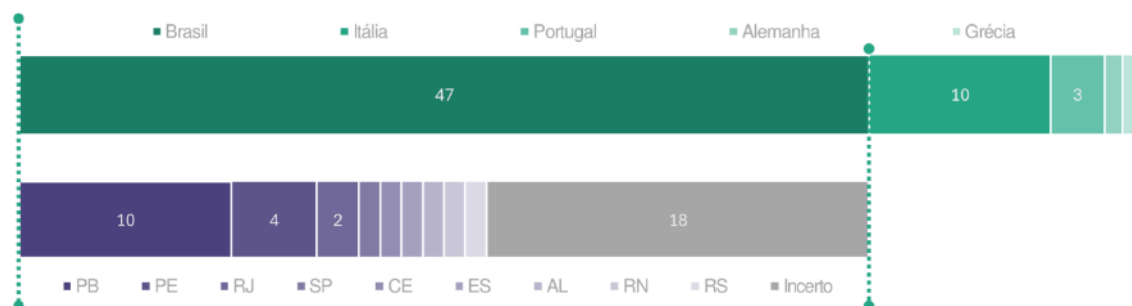


Figura 04: Sistematização referente à origem dos profissionais. Fonte: dos autores, novembro de 2025.

A prática profissional híbrida e o ecletismo interpretativo

O ideal de arquiteto-artífice ressoa quando se vislumbra o ecletismo local, cujo ofício envolve um processo fragmentário e disperso. O modesto time de profissionais com formação superior cria uma demanda suprida pelos que a dispensam, sejam os treinados em ateliês e liceus ou mediante herança familiar. Essa mistura de autodidatas e institucionalizados mostra-se essencial à produção de ecletismo, que tanto exige uma colaboração íntima entre os executantes quanto pressupõe entrecruzamentos funcionais (Ferro, 2003) (Figura 5). Ainda cita-se a falta de regulamentação da profissão de arquiteto no Brasil, que só ocorre em 1934, normalizando que a esse título compete não só concepção, mas condução e execução da obra. A fluidez do ofício é a gênese da prática híbrida, onde arquitetos como Di Lascio, Fiorillo e Gioia são também engenheiros e construtores e penetram no canteiro, detendo domínio tanto técnico quanto sensível do fazer construtivo.

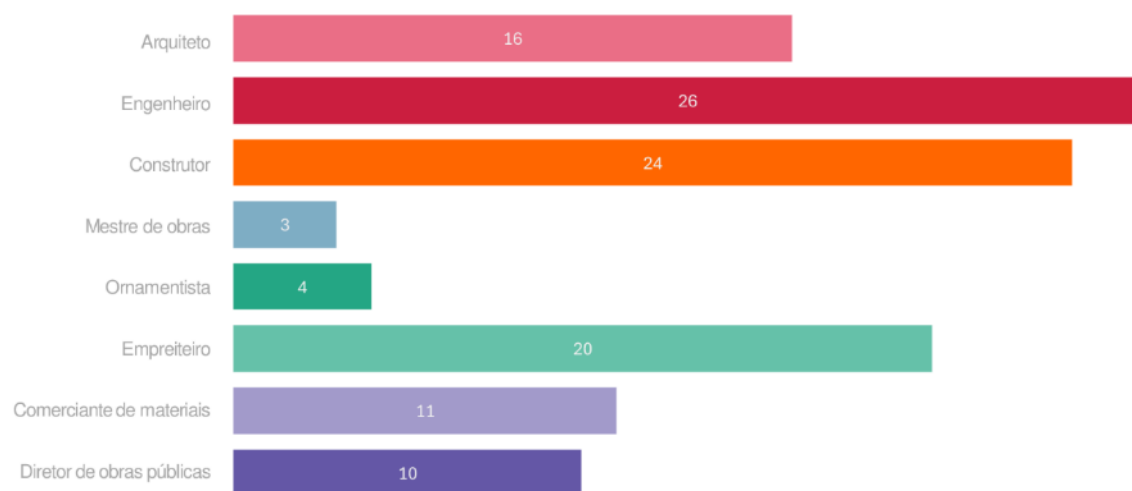


Figura 05: Sistematização referente ao encargo dos profissionais. Fonte: dos autores, novembro de 2025.

Tal sobreposição funcional responde à dinâmica econômica do setor, em que o projeto de arquitetura é secundário à construção. Como a rentabilidade se concentra no canteiro, não no ateliê, presume-se que tais profissionais, para além do encargo intelectual, recorrem ao comércio de materiais e à financeirização da obra. As firmas de arquitetura operam no gerenciamento e execução, alinhando planejamento, coordenação de equipes e fornecimento de materiais, como revelam anúncios da época (Figura 6). Entende-se que o projeto é pretexto para a venda de materiais, sendo disponibilizado como instrumento acessório, não autônomo. Nesses termos, diz Brant (2012), a internacionalização dos processos construtivos alcança tanto um campo teórico – mediante presença de profissionais de fora ou formados em outros centros urbanos –, quanto prático – através da importação de materiais de construção, fornecidos pelas próprias firmas.



Figura 06: Anúncios da firma *Cunha & Di Lascio* divulgando a venda de materiais de construção. Fonte: Acervo do jornal *O Norte*, maio de 1917 a outubro de 1941, editado pelos autores.

A operacionalidade mercantil é legitimada na própria base intelectual das academias, referenciada pela *École des Beaux-Arts*, em Paris. Uma vez que sua pedagogia prega a hibridização de estilemas, a formação academicista incentiva suprimir a então prescrita razão abstrata e reprodução irrestrita do passado, suscitando uma liberdade compositiva que define o ecletismo enquanto linguagem (Lassance, 2009)⁸. Este ideal beauxartiano consolida a mimese como estratégia de viabilidade técnica e comercial no ecletismo latino-americano, aproximando o projeto de processo de curadoria. Presume-se que a consulta a catálogos e revistas especializadas – bem como a observação da vizinhança – oferece ao profissional a segurança de que certos moldes já atendem aos requisitos técnicos e estéticos vigentes. Nesse cenário, a inovação radical poderia suscitar rejeição social, enquanto a emulação de modelos prestigiosos constituiria investimento seguro. Ao reduzir a precisão de experimentação empírica, a imitação vira conduta. Diferente dos estilos históricos precedentes, onde a mimese integra a lógica da gramática estilística, no ecletismo ela é banco de dados, no qual seleciona-se elementos preexistentes que melhor comunicam o discurso da clientela.

Apesar da recorrente imitação de modelos estrangeiros, Segre (1991) contesta a tese de que o ecletismo expressa distanciamento absoluto de valores tradicionais e das especificidades locais. Para o autor, é equívoco rotular a produção latino-americana como mera aloctonia uma vez que, mesmo rompendo com a estética colonial, assimila repertórios formais que estabelecem uma continuidade expressiva ao contexto em que se inserem. É senão o encontro heterogêneo de profissionais que expande o campo de referências e evita a monotonia generalizada (Fabris, 1993).

⁸ O caráter sincrético aproxima os imigrantes de suas tradições dentro da complexidade da cidade moderna (Segre, 1991) enquanto nutre nos nativos uma identidade centrada nas aspirações europeias (Duque; Gil; Cardona, 2013).

É sob essa ótica que o ecletismo converte o ofício em campo de experimentação formal, passando de dogma a conduta projetual maleável, consonante às demandas da clientela e às discussões arquitetônicas vigentes. Uma evidência da experimentação reside na própria hibridização estilística, onde o ecletismo funde-se a expressões neogóticas, *Art nouveau*, *Art déco*, pitorescas e neoegípcias, ou mesmo à própria arquitetura neocolonial, dita de fato nacional (Figura 7). Tais subversões sugerem que os profissionais interpretam os europeísmos mais como ponto de partida formal que como imperativo representacional.



Imóvel à R. Maciel Pinheiro, nº 285
Influência neogótica



Residência à R. Vig. Sarlen, nº 15
Influência Art déco



Residência à R. das Trincadeiras, nº 104
Influência Art nouveau



Residência à Pça. Semeão Leal, nº 85
Influência pitoresca



Loja Maçônica Branca Dias (1927)
Influência neoegípcia



Orfanato Dom Ulrico (1919)
Influência neocolonial

Figura 07: Ecletismo local associado a outras expressões estilísticas. Fonte: Gabriel Madruga, março de 2024 e outubro de 2025, e Fillipe Azevedo, abril de 2020.

Brandão (2002) defende que a apropriação superficial, desprovida de conteúdo definitivo e considerada como alegoria, é precisamente o que subverte os modelos importados. A pedagogia beauxartiana, priorizando a composição sobre a verdade construtiva, valida um desprendimento morfofuncional em que são apropriados elementos canônicos despojados de seus signos originais. Essa autonomia manifesta-se no emprego impreciso de peças – como simulacros tectônicos ou atavismos iconográficos –, na deformação proposital de hierarquias clássicas, ou mesmo na aplicação de elementos que desafiam as fronteiras estilísticas da matriz europeia (Figura 8).



Imóvel à R. Duque de Caxias, nº 47
Atavismo iconográfico



Imóvel à R. Maciel Pinheiro, nº 366
Distúção morfológica



Res. à Pça. Venâncio Neiva, nº 38
Inversão hierárquica



Residência à Av. General Osório, nº 180
Simulacro tectônico



Imóvel à R. da República, nº 623
Liberdade de concepção ornamental



Loja Maçônica Branca Dias (1927)
Polifonia de matrizes

Figura 08: Esforços de subversão simbólica, formal e funcional no ecletismo local. Fonte: Gabriel Madruga, outubro de 2022 a outubro de 2025.

A subversão manifesta-se às vezes na união pragmática com a tradição, contestando a ruptura enraizada na historiografia. Ao contrário, persistem saberes autóctones que reconfiguram o modelo importado em favor da salubridade e do contexto cultural. Esse aspecto materializa-se sobretudo na exploração de dispositivos de sombreamento e ventilação, respostas ao rigor térmico tropical, e na iconografia, denunciando uma conexão latente com a tradição ibérica, onde o resgate de soluções luso-brasileiras nacionaliza a estética cosmopolita (Figura 9).



Res. à R. Duque de Caxias, nº 198
Alpendre lateral



Res. à R. das Trincadeiras, nº 482
Porão elevado ventilado



Igreja de Nossa Sra. das Mercês (1939)
Marquise



Residência à R. da República, nº 730
Basculantes em vidro



Imóvel à R. Maciel Pinheiro, nº 172
Fenestração expandida



Res. à Av. João Machado, nº 348
Beirais prolongados



Orfanato Dom Ulrico (1919)
Embasamento impermeabilizado

Emprego de iconografia associada à tradição luso-brasileira



Residência à R. das Trincadeiras, nº 221
Telhado aparente



Casa de Saúde e Maternidade São Vicente de Paulo (1930)
Telha rabo-de-andorinha



Escola de Aprendizes Artífices (1929)
Beiras encachorradas



Casarão dos Azulejos (188-)
Azulejo português



Residência à Pça. Dom Adauto, nº 24
Verga em arco abatido

Figura 09: Presença de elementos autóctones no ecletismo local. Fonte: Gabriel Madruga, março de 2024 a outubro de 2025, e Fillipe Azevedo, abril de 2020.

Considerações finais

O primeiro desafio de inserir os profissionais locais na trama da modernização latino-americana remete à escala. Cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Santiago e Havana, então capitais nacionais, contavam com uma estrutura institucional robusta e concentravam profissionais com maior circulação internacional. O crescimento econômico em João Pessoa no período, embora promissor, não alça o patamar de não-capitais como São Paulo ou mesmo Recife. Ainda assim, como observa Gutiérrez (1983), é senão em cidades médias que a ação de times reduzidos de profissionais, geralmente com formação similar, é mais coesa, imprimindo ao tecido urbano marcas nítidas da linguagem. Nesse sentido, a presença desses agentes na capital paraibana, mesmo diminuta, ajuda a conformar a nova imagem urbana em curso na América Latina.

O conjunto edilício eclético materializa o anseio por modernidade e uma conexão idealizada com a Europa enquanto encara as particularidades e desafios da realidade urbana intracontinental. É uma situação que atesta a dependência cultural secular que assombra a urbe latino-americana (Gutiérrez, 1983). A superação de séculos de colonização, simbolizada pelo atraso estético de suas edificações, tem como ponto de encontro, paradoxalmente, um retorno à imagem importada da nação colonizadora. De todo modo, a conjuntura heterogênea favorece o encontro entre repertórios diversos, expandindo as referências mobilizadas e permitindo, em muitos contextos, desenvolver soluções projetuais quase autônomas às matrizes europeias, mesmo que subordinadas às demandas dos agentes produtores do espaço urbano.

O viés transnacional permitiu deslocar a avaliação do ecletismo da ótica da linguagem para a da prática híbrida. Tal perspectiva sugere que a produção local não é mera cópia passiva, mas resultado da interpretação pragmática e multifacetada do método eclético, viabilizada por profissionais em constante circulação. O reposicionamento da capital paraibana na trama latino-americana ocorre ao se interpretar que a formação erudita possibilitou ocasionais assimilações de autoctonia, aproximando o ‘fazer eclético’ de uma experimentação formal.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Brasília: IPHAN, 2015.

ARAÚJO, Darlene. **O impacto da nova arquitetura pública na paisagem da capital paraibana: 1900-1950**. 2008. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – UFPB, João Pessoa, 2008.

BLOND, José (Ed.). **Arquitectura de la casa cubana**. Coruña: UDC, 2001.

BRANDÃO, Carlos. Identidade e arquitetura na América Latina: o transnacional e transcultural como estratégias do Barroco e do século XXI. **Varia História**, Belo Horizonte, pp. 117-245, 2002.

BRANT, Juliano. **A construção social do campo da arquitetura moderna em Belo Horizonte**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - UFMG, Belo Horizonte, 2012.

CAPEL, Horacio. **La morfología de las ciudades**. III. Agentes urbanos y mercado inmobiliario. Barcelona: del Serbal, 2013.

CAVALCANTI, Archimedes. **A Cidade da Parahyba na época da Independência**. João Pessoa: Imprensa Universitária, 1972.

CORRÊA, Roberto. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana; SOUZA, Marcelo; SPOSITO, Maria. (Orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes, processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, pp. 41-51.

DARIN, Michael. **La comédie urbaine**. Paris: Infolio, 2009.

DUBY, Georges (Org.). **Histoire de la France urbaine**. Paris: du Seuil, 1981.

DUQUE, Alexandra; GIL, Jorge; CARDONA, Pedro. Principales características de lo ecléctico republicano en la arquitectura de Medellín. **Progresivo**, Medellín, v. 26, pp. 15-27, 2013.

ENGENHARIA NACIONAL. **O Norte**, João Pessoa, ano 10, n. 3856, 01 dez. 1921, p. 1.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 1, pp. 131-143, 1993.

FERRO, Sérgio (2003). Sobre "O canteiro e o desenho". In: ARANTES, Pedro (Org.). **Sérgio Ferro**: arquitetura e trabalho livre. São Paulo: Cosac Naify, 2006, pp. 321-418.

GALLIZA, Diana. Modernização sem desenvolvimento na Paraíba: 1890-1930. **Clio**, Recife, v. 1, pp. 81-93, 1990.

GENNARI, Luciana. Algumas considerações sobre a ornamentação das fachadas de casas proletárias na belle époque carioca. In: **Anais...**, III ENANPARQ, São Paulo, 2014, pp. 1-14.

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura y urbanismo en Iberoamerica**. Madri: Cátedra, 1983.

HITCHCOCK, Henry-Russell. **Latin American architecture since 1945**. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1955.

LASSANCE, Guilherme. Ensino e teoria da arquitetura na França do século XIX: o debate sobre a legitimidade das referências. In: OLIVEIRA, Beatriz, *et al.* (Orgs.). **Leituras em teoria da arquitetura**, v. 1. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009, pp. 92-112.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEMOS, Carlos. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993.

MACAMBIRA, Yvoty. Os italianos e a arquitetura paulistana. **Revista de Italianística**, São Paulo, Brasil, v. 3, pp. 61-72, 1995.

MADRUGA, Gabriel. **Hermenegildo Di Lascio**: arquitetura eclética na Cidade da Parahyba na 1ª metade do século XX. 2024. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - UFPB, João Pessoa, 2024.

MARIZ, Celso. A cidade de João Pessoa. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 108, n. 253, 07 nov. 1933, pp. 61.

MELLO, Joana. **Ricardo Severo**: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira. São Paulo: Annablume, 2007.

MELLO, José. **Os italianos na Paraíba**: da capital ao interior, 2º ed. João Pessoa: A União, 2011.

NOTAS E FACTOS. **O Norte**, João Pessoa, ano 8, n. 2123, 07 out. 1915, p. 2.



OLIVEIRA, Matheus de. A edificação urbana. **Philippéa**, João Pessoa, ano 1, n. 2, 9 jul. 1905, pp. 13-14.

PATRIOTISMO EFFICIENTE: uma interessante entrevista. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano 33, n. 12028, 13 set. 1917, pp. 2.

PEREIRA, Fúlvio. **Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa** (1956 1974). 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - USP, São Carlos, 2008.

ROMERO, José. **Latinoamérica**: las ciudades y las ideas. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2001.

ROSSI, Aldo. **The architecture of the city**. Cambridge: The MIT Press, 1982.

SEGRE, Roberto. **América Latina fim de milênio**: raízes e perspectivas de sua arquitetura. São Paulo: Nobel, 1991.

SILVA, Rodrigo da. Cidade documento: as cidades como fontes para a escrita da história. **Resgate**, v. 25, pp. 159, 2017.

THEODORO, Janice. São Paulo de Ramos de Azevedo: da cidade colonial à cidade romântica. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, pp. 201-208, 1996.

VIDA SOCIAL. **O Norte**, João Pessoa, ano 11, n. 2969, 23 jul. 1918, pp. 1.

VIDAL, Adhemar. A Chronica – Nossa arquitetura. **A União**, ano 33, n. 105, 12 abr. 1925, pp.1.